

HEIDEGGER OU OS NOVOS CAMINHOS DA FILOSOFIA

João Carlos Nogueira

Estas páginas retomam os elementos principais de um curso de introdução ao **Ser e Tempo**, que tivemos oportunidade de desenvolver anos atrás e que, recentemente, veio a constituir o tema de uma conferência proferida no Instituto de Filosofia e Teologia da PUC de Campinas.

Embora originalmente não destinadas à publicação essas notas nos pareceram ainda atuais, pelo que as enfeixamos aqui em forma de artigo, dedicando-se à memória daquele que, já em vida, foi reconhecido como um dos maiores senão o maior pensador do nosso século.

Nossa exposição começará traçando um esboço biográfico e um breve itinerário intelectual de Martin Heidegger para apresentar em seguida, a partir da conferência **Que é Metafísica ?** e da **Carta sobre o Humanismo**, alguns elementos que se nos afiguram importantes como introdução à leitura e à compreensão do programa de **Sein und Zeit**.

1 – ESBOÇO BIOGRÁFICO E BREVE ITINERÁRIO INTELLECTUAL

Martin Heidegger nasceu em Messkirch, na Floresta Negra, sudeste da Alemanha, em 1889. Jovem estudante em Constança vem a conhecer a obra de Brentano **Von der mannigfachen Bedeutung des Seiendes nach Aristoteles** (Sobre os diversos sentidos do ente segundo Aristóteles), presente de Konrad Gröber, amigo da família e futuro bispo da cidade de Friburgo de Brisgóvia. O livro de Brentano abre-lhe o campo da filosofia, orientando-lhe o pensamento para aquela que vai constituir-se a pedra angular da sua especulação: **a questão do ser**.

Em Friburgo, onde realiza seus estudos universitários, trava conhecimento com o neoKantiano Rickert, um dos seus mestres mais eminentes. Rickert, juntamente com Windelband, representava a Escola de Baden, que interpretava a doutrina kantiana na linha da filosofia dos valores em oposição à Escola de Marburgo, encabeçada por Cohen e Natorp, que estudavam o kantismo em base à Crítica da Razão Pura, interpretando-a em sentido puramente lógico e epistemológico. Ambas as escolas impugnavam firmemente o psicologismo na sua tentativa de absorver o pensamento no conjunto dos processos psíquicos. No entanto, ambas continuavam a defender a tese kantiana da impossibilidade da Metafísica como forma legítima de conhecimento teórico.

Tendo já neste tempo entrado em relações de estudo e amizade com Husserl, torna-se, a partir de 1915, seu assistente em Friburgo e co-editor da revista *Jarbuch für philosophische und phänomenologische Forschung*.

Nas Investigações lógicas de Husserl, Heidegger vê a refutação cabal e definitiva do psicologismo, tarefa que, de sua parte, encetara já desde a sua tese de doutorado em filosofia em 1913. A tese tinha como título: *Die Lehre vom Urteil im Psychologismus* (A doutrina do Juízo no Psicologismo). Em 1915 escreve como trabalho de habilitação ao magistério acadêmico: *Die Kategorien und Bedeutungslehre des Duns Scotus* (A doutrina das categorias e do significado em Duns Scotus). Seu interesse especulativo sempre voltado às questões metafísicas, tornava-o assíduo leitor dos pensadores da tradição greco-escolástica.

Nomeado, em 1923, professor em Marburgo, centro tradicional de estudos Kantianos, dá cursos sobre Platão, Aristóteles, seminários sobre os Escolásticos, Kant, Schelling, Hegel e se interessa profundamente pelos místicos medievais, entre os quais avulta a figura de Meister Eckhart. Na mística medieval Heidegger via o protótipo do relacionamento equilibrado que deve vigorar entre a filosofia e a vida, rompendo a dicotomia racionalismo-irracionalismo que situa a razão do lado da primeira e a não-razão do lado da segunda.

Mas é sobretudo de Husserl que o autor de *Sein und Zeit* vai herdar não só o horizonte metodológico como também os processos fenomenológicos de redução, na fidelidade fundamental ao programa husserliano de volta às coisas mesmas, evitando cuidadosamente os preconceitos de escola, as posições insuficientemente fundamentadas, as pressuposições gratuitas. O impulso filosófico deve partir dos próprios dados, não das opiniões dos filósofos, dizia Husserl.

Este é um tempo de efervescência espiritual e de maturação para o pensamento heideggeriano, que vai eclodir no esplêndido surto de idéias do **Ser e Tempo**, o grande livro de filosofia do século XX, editado pela primeira vez no Jarbuch em 1927. Com esta obra se dá também a ruptura com algumas idéias básicas da fenomenologia husserliana. Tal é o caso da célebre **redução fenomenológica** que punha entre parênteses a própria existência do sujeito para considerar tão-somente a vivência da consciência como fonte das significações. Segundo Heidegger, é impossível para o filósofo colocar fora de circuito o valor existencial. O resíduo da redução não pode ser a consciência pura mas a própria **relação** entre a consciência e o mundo. O mundo da vida é a terra firme donde se move necessariamente toda a atividade intencional. (1)

Ser e Tempo descortina novos horizontes no campo da filosofia do sentido do ser. Ora, quem pode colocar a questão do ser senão aquele ser que é definido justamente pela compreensão do ser? Este ser é o homem, o **Dasein** (o ser-aí), marcado por esta característica absolutamente sua de manter uma relação privilegiada com o Ser. Ele é o **da** — o lugar — onde o **Sein** (O Ser) se revela. A questão do sentido do ser em geral deve começar pela **análítica existencial**, ou seja, pela análise fenomenológica do **Dasein**.

Em 1929, dois após a publicação de **Ser e Tempo**, aparece outra obra importante de Heidegger: **Kant e o problema da Metafísica**, em que o filósofo ensaiava uma interpretação originalíssima do pensamento Kantiano, tentando mostrar que o problema fundamental para Kant não era o de estabelecer a possibilidade e os limites de validade do conhecimento, mas de lançar os fundamentos da metafísica. A prova estava na importância conferida por Kant à **imaginação transcendental** na efetivação da síntese que caracteriza o conhecimento humano. Este, enquanto depende da intuição dos sentidos, tem um caráter receptivo. A união das intuições fenomênicas com as formas **a priori** do entendimento é possibilitada pela mediação do **esquema transcendental**, produto da imaginação, que é fornecido pelo tempo como forma **a priori** da sensibilidade. Donde se vê que para Kant a faculdade-chave não é a razão mas a imaginação, uma vez que constitui o elo de união entre a inteligência e os sentidos. Ora, pela imaginação o homem orienta-se para o mundo e adere a este solo primitivo donde lhe vem uma pré-compreensão do ser. Se tivesse seguido este movimento

(1) "**Ser e Tempo** de Heidegger — diz Ernildo Stein — tem na idéia de mundo da vida (ser-no-mundo) um dos seus elementos axiais. A obra é inconcebível sem a idéia fundamental do ser-no-mundo. E é precisamente nesta idéia que se funda toda a crítica latente à insuficiência ontológica da redução transcendental de Husserl, que perpassa **Ser e Tempo**". Cf. **A questão do Método em Filosofia**: um estudo do modelo heideggeriano, Livr. Duas Cidades, S. Paulo, 1973, pág. 46.

natural da consciência Kant teria aportado ao problema do ser, em vez de ter-se detido no problema do conhecimento. O caminho da ontologia estava aberto para ele. Aliás, Kant reconhecia, no homem, um pendor espontâneo para a metafísica, segundo sua conhecida expressão: "a metafísica pertence à natureza do homem". É como uma planta "da qual se pode cortar cada ramo despontado, mas não exterminar as raízes". (2)

Com a aposentadoria de Husserl na Universidade de Friburgo em 1928, Heidegger é chamado a substituí-lo. No ano de 1933 assume o cargo de Reitor da mesma Universidade. Este é um episódio obscuro da sua vida, assinalado pelas injunções políticas nas quais se envolve momentaneamente para sair, menos de um ano após, completamente desiludido e intimamente amargurado, mas marcado já pelo estigma de uma brevíssima e ilusória adesão ao social-nacionalismo. Assim é que, acusado de defender o regime hitleriano, é proibido de exercer qualquer tipo de ensinamento público, quando da ocupação da Alemanha pelos Aliados logo após o término da última grande guerra. Somente em 1950 vai ser-lhe tirada esta proibição.

Heidegger conduzirá até a morte, ocorrida a 26 de maio do corrente ano na mesma Messkirch onde nasceu, uma vida franciscana, inteiramente dedicada ao estudo e à reflexão, na humilde expectativa daquela manifestação do ser, que nos lança os seus apelos e nos convoca para a nossa responsabilidade de homens, da qual ele tão bem falou em seus escritos. Pelos campos e bosques da sua Floresta Negra não ressoa mais para ele, à tardezinha, a voz evocativa dos sinos das aldeias apelando para a comunhão com o Absoluto do qual seu espírito místico e poético sentia profunda nostalgia.

2 — OS PROBLEMAS DE UMA ONTOLOGIA FUNDAMENTAL: A SUPERAÇÃO DA ONTOLOGIA CLÁSSICA

Quando da publicação da primeira parte de *Ser e Tempo*, Heidegger prometia uma segunda parte da obra, cuja tarefa precípua seria de propor "os elementos duma destruição fenomenológica da história da ontologia à luz da problemática da temporalidade". (3) Esta segunda parte, porém, jamais veio à luz. Disto muitos passaram a concluir que o pensamento heideggeriano

(2) Cf. *Crítica da Razão Pura*, Col. "Os Pensadores", Abril Cultural, S. Paulo, 1974, vol. XXV, pág. 32.

(3) *L'Être et le Temps*, trad. de R. Boehm et A. de Waelhens, Gallimard, Paris, 1964, pág. 58.

sobre a questão ontológica encaixaram num ponto morto. O caminho que deveria tê-lo levado à ontologia se achava irremediavelmente fechado. Esta é a razão por que ele se volta especialmente para os poetas, procurando em Hölderlin, Rilke, Trakl, a resposta que a antropologia lhe negara. Heidegger renunciou definitivamente ao projeto de elaboração de uma ontologia, dizia-se. E sua filosofia começou a ser interpretada em sentido meramente existencialista. Ele protesta contra tal interpretação e no posfácio da conferência **Que é Metafísica ?**, escrita em 1943, enumera três interpretações equivocadas do seu pensamento. Primeira: seu pensamento seria **niilista**, porque colocava o problema do **nada**. Segunda: porque insistia no conceito de **angústia** enquanto modo fundamental do sentimento de situação e enquanto revelação do **Dasein**, dizia-se que a sua filosofia era do desespero, própria para os vencidos da vida. Terceira: porque falava das disposições humanas afetivas, afirmava-se que suas reflexões reativavam o sentimentalismo dissolvente contra a lógica. (4)

Nada disto corresponde ao genuíno pensamento de Heidegger. O nada para ele não é pura negação, nada de nada, mas “o véu do ser” como afirma Ernildo Stein. (5) A sua experiência faz-nos desabrochar para a dimensão ontológica, lá onde entre nós e o ser vigora uma relação original que nos constitui como **abertura**, como relação ao ser dos entes que se consome no pensamento onde “o ser se torna linguagem”. (6) É a condição exigida para que o ser se manifeste e na sua manifestação faça com que o homem se revele na condição de existente votado à compreensão do ser. “Em qualquer lugar e em qualquer amplitude — diz Heidegger — em que a pesquisa explore o ente, em parte alguma, encontra ela o ser. Ela apenas atinge sempre o ente porque, antecipadamente, já na intenção de sua explicação, permanece junto do ente. O ser, porém, não é uma qualidade ôntica do ente. O ser não se deixa representar e produzir objetivamente à semelhança do ente. O absolutamente outro com relação ao ente é o não-ente. Mas, este se desdobra como ser. Com demasiada pressa renunciamos ao pensamento quando fazemos passar, numa explicação superficial, o nada pelo puramente nadificador e o igualamos ao que não tem substância. Em vez de cedermos a esta pressa de uma perspicácia vazia e sacrificarmos a enigmática multivocidade do nada, devemos armar-nos com a disposição única de experimentarmos no nada a amplidão daquilo que garante a todo ente (a possibilidade de) ser. Isto é o próprio ser. Sem o ser, cuja essência

(4) Cf. **Que é Metafísica ?**, trad. de Ernildo Stein, Livraria “Duas Cidades”, S. Paulo, 1969, págs. 49 — 50.

(5) Cf. Introdução a **Que é Metafísica ?**, pág. 14.

(6) Cf. **Sobre o Humanismo**, trad. de E. Carneiro Leão, Tempo Brasileiro, Rio, 1967, pág. 24.

abissal, mas ainda não desenvolvida, o nada nos envia na angústia essencial, todo o ente permaneceria na indigência do ser. Mas mesmo esta indigência do ser, enquanto abandono de ser, não é, por sua vez, um nada nadificador, se é certo que à verdade do ser pertence o fato de que o ser nunca se manifesta (west) sem o ente, de que jamais o ente é sem o ser” (7)

Quanto à angústia, esta não é um simples estado psicológico, é a disposição existencial que nos permite uma experiência do ser como **outro** em relação ao ente, levando-nos a sentir a vertigem do abismo cavado pela **diferença** essencial que vigora entre o ser e o ente. Assim a angústia é a disposição que mostra a vocação do homem para a verdade do ser, pois “somente o homem, em meio a todos os entes, experimenta, chamado pela voz do ser, a maravilha de todas as maravilhas: Que o ente é”. (8)

Estamos, portanto, muito longe de uma filosofia do desespero, como insinua a segunda objeção. Ao contrário, toda a coragem de ser vai brotar do confronto com essa angústia fundamental que dispõe o homem para a atitude expectante da manifestação do ser.

No que toca à terceira acusação, Heidegger responde que as categorias do sentimento e da afetividade não pretendem de modo algum negar a lógica, mas apenas afirmar a existência de algo anterior à esfera lógica que é, “em sua misteriosa condição de desconhecido, mais próximo do homem que todo ente” e que “pode, de tempos em tempos, dispor a essência do homem para um pensamento cuja verdade nenhuma “lógica” é capaz de compreender” (9) A lógica radica-se neste plano mais originário, onde o pensamento se faz eco dos apelos do ser, remetendo a essência do homem ao seu lugar de origem e de libertação.

Entendido na dimensão das três respostas que acabamos de referir, o pensamento heideggeriano não pode, de fato, ser interpretado em chave existencialista. Sua filosofia é uma reflexão profunda e original sobre o ser e o destino obscuro a que foi votada a civilização ocidental pelo processo de **esquecimento do ser** que marca, desde os primórdios, a sua evolução. Sua linguagem é, muitas vezes enigmática, carregada de neologismos, como se sentisse a irremediável insuficiência dos termos disponíveis no vocabulário filosófico para traduzir a novidade do seu pensamento. Aqui se situam os motivos de muitas incompreensões quanto à sua filosofia.

(7) Cf. **Que é Metafísica ?**, posfácio, págs. 50 – 51.

(8) Id., pág. 52.

(9) Id., pág. 55.

a) A Crítica à Tradição Metafísica do Ocidente

A metafísica ocupou, até hoje, entre as disciplinas filosóficas, um lugar privilegiado, constituindo o vértice de toda a filosofia. É a disciplina mais geral que se possa pensar, pois o seu objeto é o ente, enquanto tal. No entanto, o que mais pode causar admiração no espírito do pesquisador das questões radicais, é que na tradição metafísica do Ocidente a questão fundamental da filosofia jamais foi colocada. Esta questão é a **questão do ser e da verdade**. Desde Sócrates, antes ainda, desde os sofistas até Nietzsche esta questão foi eludida. Qual o motivo de semelhante extravio caracterizado por Heidegger como uma **Seinsvergessenheit** ou esquecimento do Ser? É preciso lembrar que, na visão heideggeriana a história da Metafísica compõe-se de três grandes momentos, correspondendo “aos três modos da **epoché do Ser**” (10). a **alétheia** dos gregos, o **Ipsum Esse** dos medievais e a **subjetividade** da época moderna. Nesses três momentos joga-se todo o destino da Metafísica e da civilização ocidentais.

Há, ainda, anterior a toda essa vicissitude, o período de **inocência** do pensamento, onde entre o ser e o pensar vigorava perfeita harmonia.

A razão ou as razões da **queda**, Heidegger as repõe na **interpretação técnica** do pensamento, cujo processo remonta a Platão e Aristóteles, e na concepção sobre o homem reinante em todo o decurso da metafísica ocidental.

A terceira razão está na natureza mesma do Ser que nunca se nos dá diretamente mas sempre “in obliquo”. Sobre isto voltaremos quando, no terceiro momento da nossa análise, abordarmos o problema do **ser e da existência**.

A partir de Platão e Aristóteles o pensamento começa tornar-se **técnico**, isto é, começa orientar-se para o **fazer**, como se fosse essencialmente uma teoria do **fazer**. A filosofia pôs-se assim no mesmo plano da ciência prática e se viu, por isto mesmo, obrigada a justificar-se diante dela, concedendo que, de fato, o pensamento que não fosse técnico não tinha valor. (11) Começou considerada como técnica de explicação das coisas pelas últimas causas, o que gerou o aparecimento das disciplinas filosóficas (ética, lógica, cosmologia).

Desde que se valorizou como **téchne** o pensamento acabou identificando-se com a filosofia, esta com a atividade acadêmica e, finalmente,

(10) R. GUILEAD, *Être et liberté*, Ed. Nauwelaerts, Paris — Louvain, 1965, pág. 69.

(11) Cf. *Sobre o Humanismo*, ed. cit., pág. 26.

com a atividade cultural. Dado que tudo isto está ao alcance de todos, a própria linguagem filosófica caiu sob o domínio do uso comum que conhece apenas o sentido técnico das palavras. (12)

Para Heidegger esta evolução assinalou a ruína do pensamento, que foi sempre mais abandonando a sua essência originária. A tarefa principal do filósofo, hoje, é a de reconduzi-lo à sua esfera originária, à presença do ser.

A segunda razão foi a concepção sobre o homem vigente no curso da história da filosofia.

A tradição filosófica, a partir de Sócrates, define o homem por conceitos deduzidos da natureza (substância, animal, racional, como na clássica definição: "O homem é um animal racional"). Segundo Heidegger tais definições não são falsas, nem devem ser rejeitadas, mas não traduzem absolutamente a natureza própria do homem. Ele é visto à luz de coisas que são distintas e até inferiores a ele, quando — por exemplo — é posto no género dos animais. Não basta atribuir-lhe uma alma espiritual, uma personalidade, porque isto tudo não enuncia senão o modo específico de seu existir como animal.

Estas definições não exprimem a dignidade essencial do homem. Consideram-no como um existente entre tantos outros, supondo que a essência universal do homem seja inteligível em si mesma. Não toam, porém, a raiz desta inteligibilidade. Encaram o homem como um ente e a partir daí procuram exprimir a sua essência. Aqui se esconde a falha principal da metafísica que trata apenas do ente, quando deveria tratar do ser por cuja luz conhecemos todos os entes. "Desse modo, a Essência do homem é apoucada e nunca pensada em sua proveniência. A proveniência da Essência do homem permanecerá sempre a humanidade histórica seu por-*vir* Essencial. A metafísica pensa o homem a partir da animalistas. Ela não o pensa na direção de sua *humanitas*". (13)

As diversas formas de humanismo (grego, romano, marxista, sartreano) baseiam-se igualmente no conhecimento que se fundamenta no ente e, por isto, pertencem à metafísica. Eis por que impedem também que se pense a verdadeira essência do homem.

Toda investigação implica certas pressuposições que determinam os conceitos fundamentais empregados e a direção geral da investigação. Assim, se investigamos o que é o homem, já a própria forma desta

(12) Cf. id., págs. 31 — 32. "O esvaziamento da linguagem, que prolifera rápido por toda a parte, não corrói apenas a responsabilidade estética e moral, vigente em todo emprego da linguagem. Provém de uma ameaça à Essência do homem". (Id., pág. 32.)

(13) Id. pág. 40.

questão implica a consideração do homem numa direção determinada, como quando o pensamos como animalidade à qual juntamos a racionalidade. Semelhante determinação do ser do homem é solidária do projeto metafísico e, em virtude disto, passa ao lado da sua verdadeira essência. E preciso, portanto, superar esta maneira de representar as coisas para podermos exercer o modo radical de pensar, que é essencialmente retorno à verdade do ser.

O modo natural de pensar atenta apenas aos objetos, como se pode perceber claramente nas ciências. Aqui temos o conhecimento que chamamos ôntico, pois tem como objeto o ente enquanto dotado de determinadas qualidades. O pensamento, nesta esfera, é espontaneamente realista, acolhendo o seu objeto como algo lançado diante do sujeito. Por conseguinte, o conhecimento aparece como fruto da representação do objeto. Este é o domínio do pensamento representativo, do *vorstellende Denken*, como diz Heidegger, que visa a representar as coisas de modo claro e distinto para compreendê-las, e assim exercer sobre elas a sua dominação.

O desvio básico da tradição filosófica ocidental é, conforme dissemos, o esquecimento do ser. Por causa dele não se pensou mais a verdade do ser e se deixou de pôr a questão fundamental da filosofia. Entre o ser e o ente se consumou uma confusão "sui generis" que nunca foi desfeita.

Toda a história da filosofia é dominada pela distinção entre essência e existência. O pensamento sobre esta distinção não é o pensamento mais radical, embora se origine de um mais radical que se volta para o ser, o qual, contudo, permanece velado. (14) A metafísica aborda o problema do ente no seu ser, mas não pensa a diferença entre o ser e o ente, que é a **diferença ontológica**. Heidegger concorda que se refira ao ser aquele que pensa o ente, mas o problema é que tal pensamento se circunscreve inteiro no domínio de ente.

Que as filosofias, por isso, sejam irremissivelmente falhas de modo a exigir de novo uma baconiana "instauratio ab immis fundamentis"? Heidegger acha que não, pois a metafísica envolve já uma relação ao ser, apesar de atingi-lo apenas na sua aparência. A falha da metafísica não pode ser debitada à incapacidade dos filósofos anteriores, mas faz parte da própria história do ser. É como se ele nos fizesse o seu apelo precisamente por causa desta falha. A história da metafísica, portanto, participa da história do ser, pois este se revela progressivamente no decurso desta mesma história.

(14) "O ser continua a esperar que Ele mesmo se torne, para o homem, digno de ser pensado" (*Id.*, pág. 39).

A metafísica não é, sem dúvida, o pensamento mais original. Afunda as suas raízes num solo mais profundo, o solo da verdade do ser. É aí que se enraíza, embora não se volte explicitamente para o seu fundamento. (15) Ela não coloca a questão fundamental e a causa do esquecimento do ser reside exatamente aí. Esta questão deve ser colocada dentro da própria metafísica, como interrogação sobre o seu fundamento, o que equivale dizer: a questão versa também sobre a natureza da metafísica, mas nos conduz para além dela.

b) A volta ao Fundamento da Metafísica

Para Heidegger a questão da natureza da metafísica se reduz à questão do seu fundamento. Exige, por conseguinte, a sua superação para atingir um plano de pensamento mais radical. Tal pensamento não se opõe à metafísica, mas vai além dela, penetrando no solo onde ela afunda as raízes. Por isto, a questão do seu fundamento não é a de alguma proposição mais radical que a metafísica deve pressupor, mas é a questão do conhecimento que surge do próprio ser e naquele modo que o ser determina. Aquilo pelo que o ser se anuncia é a **não-ocultação**, cuja natureza até agora não foi indicada. É a isto que, antes de tudo, deve o filósofo atentar. A razão pela qual a metafísica sobrevoou o problema do ser talvez esteja nisto: conhecemos os entes pela luz do ser que assim se revela parcialmente. Mas precisamente porque os entes são iluminados e apresentados como objetos a ser conhecidos, a mesma fonte de luz se oculta e não se suspeita o seu velamento. Em consequência disto, a metafísica preocupando-se apenas com os entes, torna-se um obstáculo ao filósofo para a consideração do ser. (16)

Ao pensamento que realiza este retorno ao fundamento da metafísica chamamo-lo **fundante**, e é necessariamente fenomenológico. Não procura descrever os entes, mas descobrir o que lhes permite se mostrem como realmente são. Busca-se aquilo que se esconde no ente sem ser o ente, e que não deve ser pensado como um **noumenon** latente sob os fenômenos, nem como uma propriedade deles. E este é o ser mesmo dos entes, aquilo pelo qual eles são o que são.

O retorno ao fundamento da metafísica exige o conhecimento explícito da diferença ontológica. Tal diferença é conhecida por via indireta e negativa, pois o ser se manifesta no ente e através dele. Sobre ele, podemos dizer apenas que é aquilo que é. Eis o que todo o pensamento futuro deve aprender. O ser

(15) Cf. **Que é Metafísica ?**, págs. 62 – 63.

(16) Cf. *id.*, págs. 61 – 62.

não é Deus, nem o fundamento do mundo. Está mais longe do que qualquer ente e, no entanto, mais perto do homem do que todos os existentes. É aquele que está maximamente próximo, de uma proximidade que permanece sendo, para o homem, aquilo que está maximamente longe, pois o homem continua sempre no meio dos entes. (17)

Para afirmar a diferença ontológica é melhor dizer que o ser se dá ao invés de: o ser é, pois do existente se afirma que é. Embora possamos aplicar o verbo ser também para o **Sein**, Heidegger escolheu a fórmula *es gibt* (se dá), porque dá a entender que o pensamento a respeito do ser é, antes de tudo, histórico, e a verdade é fundamentalmente história do ser, à qual pertence, por sua vez, o pensamento como **reflexão** sobre ela. (18) O ser não é captado diretamente em si mesmo, mas através da revelação parcial de si nos existentes dos quais se anuncia distinto.

Para se ter a experiência do ser é necessário ter antes — frisávamos atrás — a experiência do nada que excita a admiração diante dos entes. O pensamento natural adere, de tal maneira aos entes, que é precisa esta experiência para arrancá-lo às amarras ônticas, e torná-lo disponível para a compreensão do ser. Esta compreensão está latente em todo o nosso conhecimento, enquanto configura o horizonte dentro do qual os entes podem vir ao nosso encontro.

Além desta revelação negativa do ser, da qual **Que é Metafísica?** trata longamente, há outra **linguagem**, que é a expressão maior da íntima relação vigente entre o ser e o homem. Nela podemos encontrar o sentido do ser. O filósofo precisa penetrar no sentido oculto veiculado na linguagem. É o que faz, antes de todos, o poeta, que sabe escutar, no silêncio, a voz do ser e assim preserva os seus segredos. Vemos, destarte, que no esforço árduo de regressar ao ser, o poeta é para o pensador o companheiro indispensável, pois ele funda o que permanece, segundo o dito de Hölderlin. E o que permanece é a obra de revelação das coisas, que o poeta faz por primeiro, nomeando-as e tirando-as assim da noite do não-ser. Por isto, em tempo de pobreza e desamparo, como o nosso, ninguém melhor do que ele para ensinar o caminho das coisas essenciais.

c) Ser e Ec-sistência

Para Heidegger o ser relaciona-se não somente com o pensamento, mas também com a essência mesma do homem. Mais ainda: esta essência situa-se na sua relação para com o ser. Por isto, o pensamento deve ser considera-

(17) Cf. **Sobre o Humanismo**, pág. 51.

(18) Cf. *id.*, págs. 56 — 57.

do, antes de tudo, segundo a realização que efetua esta relação. O esquecimento do ser será, então, o verdadeiro motivo por que não se chegou a conhecer a autêntica essência do homem. A nossa época é determinada por este esquecimento e o próprio homem se acha abandonado, limitado entre os entes e dominado, de tal modo por eles, que o seu próprio abandono lhe permanece desconhecido. Que, portanto, se quiser superar a metafísica deverá primeiro dirigir a sua atenção para este acontecimento, experimentá-lo em si, porque só assim poderá relacionar-se com o ser, tornando o seu pensamento mais conforme a ele. Conseqüentemente, a questão da superação da metafísica consiste em saber da possibilidade do ser realizar a sua relação com a essência do homem a fim de que, desta relação, surja a iluminação que reduz o homem ao ser. O retorno ao ser se faz pela experiência da **Seinsvergessenheit**. O que nos opõe outra questão: a não-ocultação do ser implica que a relação ser-essência do homem é mútua e essencial tanto para o ser como para o homem ?

Para investigar tal questão é preciso, antes, renovar o nosso modo de conceber o homem. Para que ele seja concebido na sua relação com o ser, urge encará-lo não como coisa, substância, subjetividade, consciência, mas segundo o seu modo próprio de ser, segundo a sua capacidade de compreender o ser, enquanto ele é o lugar (Da) onde o ser (Sein) se manifesta. É exatamente isto que pretende significar o termo **Dasein**: a relação essencial do homem com o ser, de forma tal, que aquele se torne o **espaço** em que este possa revelar-se e, ao mesmo tempo, ocultar-se. A intenção de Heidegger no "**Ser e Tempo**" foi de suscitar a necessidade de uma experiência da natureza humana que induzisse os homens a pensar nesta relação fundamental. Pelo que se empenhou em pensar o ser mostrando a existência do homem como o **Da** (o aí) do **Sein** (do ser). O ser destina o homem a ser, entre os entes, o lugar onde possa manifestar-se. (19)

O homem distingue-se de todos os outros entes pela sua peculiar capacidade de abertura para o ser. Esta aptidão de relacionar-se com o ser é designada com o termo **ec-sistência**. O homem é o único ente entre todos no qual e pelo qual o ser ilumina os entes e os mostra como são. Não se trata aqui, da existência no sentido tradicional, mas no sentido de que a essência do homem reside na abertura para o ser. O homem é a clareira onde o ser resplandece manifestando-se. Como ec-sistência, ele consente em ser esta clareira do ser. Este modo de existir, não só é o fundamento da possibilidade da razão, mas é também "aquilo no que a essência do homem protege a proveniência da sua determinação". (20)

(19) Cf. **Que é Metafísica ?** , pág. 69.

(20) Cf. **Sobre o Humanismo**, pág. 41.

Ec-sistência não significa, pois, o fato de o homem existir ou não. E a resposta à questão da sua essência, indicando algo histórico-ontológico, que é a característica fundamental do homem conservar-se na iluminação do ser. Ec-sistência é a relação *ek-stática* com a iluminação do ser. O homem, como ec-sistência, é convidado a cultivar esta presença *ek-stática* para poder ser fiel ao seu destino de ser o espaço da revelação do ser. O destino do homem é habitar na verdade do ser. (21)

Interrogando sobre o modo “como o Ser se refere à ec-sistência”, Heidegger responde: “O ser mesmo é esta relação, enquanto retém para si a ec-sistência na sua essência existencial, isto é, *ekstática*, e a refere a si mesmo como aquilo que é, no meio dos entes, o lugar em que reside a verdade do ser. O homem como ec-sistência não pode conservar-se naquela relação em que o ser se destina, senão enquanto a sustém *ekstáticamente*, assumindo-a na preocupação”. Da parte do homem é exigida uma resposta. Todavia o convite, bem como o seu destino, provém do mesmo ser. Poderíamos, até, dizer que a própria resposta pertence ao ser, como se o próprio pensamento do homem nada mais fosse que a mesma voz do ser.

Designa-se este destino dizendo que o homem é uma **projeção** do ser e realiza a sua essência no ato em que o ser o **pro-jeta**, enquanto ao ser convém, pela sua mesma natureza, destinar assim o homem. (22) O estado existencial do homem é o daquele que é projetado de maneira a ser uma resposta vital ao ser que o chama a ser o **pastor** da sua verdade. O homem consente em assumir esta vocação quando assume a sua essência como o lugar do ser. Este apelo vem ao homem como **projeção** na existência, na medida em que ele é lançado para ser a **clareira do ser**. Na sua essência histórico-ontológica o homem é aquele cujo ser como *ek-sistens* consiste nisso: habitar na proximidade do ser. “O homem é o vizinho do ser”. (23) Por isto mesmo cabe-lhe a tarefa de proteger a verdade do ser. Para realizar tal missão é preciso velar à soleira do ser. A *ekstasis* significa precisamente este **permanecer** em vigília na luz do ser. (24) Desta **existência** é que fala **Ser e Tempo** quando diz (pág. 42). “a essência do homem reside na sua existência”. Trata-se daquela existência que é absolutamente própria do homem. Quando se diz que só o homem **existe** quer-se dizer que “o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela in-sistência

(21) Cf. *Id.*, pág. 43.

(22) Cf. *id.*, pág. 46.

(23) *Id.*, pág. 68.

(24) Cf. **Que é Metafísica ?**, pág. 71. A *ek-stasis* significa “o in-sistir na abertura do ser, o sustentar da in-sistência (preocupação) e a per-sistência na situação suprema (ser-para-a-morte)”. *Id.*, pág. 72.

ex-sistente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser. A essência existencial do homem é a razão pela qual o homem representa o ente enquanto tal e pode ter consciência do que é representado". (25) Notemos, porém, que não é pela consciência que o homem está aberto para o ser, pois a intencionalidade da consciência supõe a in-sistência (26). O homem é homem, quando se mantém aberto ao advento da verdade e consente em permanecer na relação ek-stática com o ser.

Aqui de novo se manifesta a necessidade de um ultrapassamento da metafísica para se chegar ao seu fundamento, reconduzindo o pensamento à sua terra natal. É uma necessidade que se impõe, hoje mais do que nunca, porque neste momento da história do mundo o ser se anuncia pela dissolução do existente. Exige-se um esforço não pequeno para "meditar sobre aquilo que, propriamente, é dito com a palavra *on*, com a palavra *ente*. De acordo com isto, foi retomada, pelo pensamento, a questão do *on* (vide prefácio de *Ser e Tempo*). Mas esta repetição não recapitula simplesmente a questão platônico-aristotélica, mas retorna, pela interrogação, àquilo que se esconde no *on*". (27)

Todo o esforço de Heidegger no *Ser e Tempo* visa à recolocação da problemática do ser, mas de um modo como nunca fora colocada desde os pré-socráticos.

O principal efeito da especulação kantiana, segundo Heidegger, foi o de ter mostrado que a questão do fundamento da metafísica conduz à questão da essência do homem, ou seja, à antropologia filosófica. O primeiro caminho para se efetuar a passagem da metafísica para a consideração da natureza ekstática do homem é começar pela concepção metafísica do seu modo de ser para, depois, passar para a análise existencial. (28) O modo de proceder de Kant implica a destruição da metafísica, constatando a insuficiência da sua fundamentação na antropologia tradicional. Assim, é ele levado a pôr o problema do homem enquanto — simultaneamente — finito e possuidor de um instinto que o impele à metafísica em força da pré-compreensão do ser de que é dotado. Nesta pré-compreensão Heidegger individuou o fundamento primeiro da finitude do homem, de sorte que a questão da possibilidade da metafísica conduz-nos, inevitavelmente, à análise do modo específico de ser do homem como finito.

(25) Id., pág. 72.

(26) Ibid., pág. 74.

(27) Ibid., pág. 78.

(28) Id., pág. 73.

Ser e Tempo expõe a problemática do ser, procurando mostrar o que se esconde no **on** (no ente). Pretende conduzir-nos à verdade do ser como fundamento de qualquer metafísica. (29) Deste modo, Heidegger pensa e espera recolocar a filosofia na direção exata da qual se extraviara na longa e exaustiva viagem do pensamento no curso da história. Não crê possa resolver de uma vez por todas o problema de ser. Quer apenas colocar o pensamento a caminho da sua salvação, isto é, situá-lo “num caminho em cuja marcha possa alcançar o interior da revelação da verdade do ser com a essência do homem”. (30)

Dado que o ser se anuncia ao homem de modo temporal e histórico, não se deve esperar a sua revelação plena. Esta será sempre parcial, indireta, negativa. Uma vez o pensamento recolocado no rumo certo, então se poderá captar a verdade do ser por esses modos parciais. “O pensamento — diz Heidegger — se acha referido e dependente do Ser como o que está ad-vindo. O pensamento está preso ao advento do Ser, ao Ser como ad-vento. O Ser já se destinou sempre ao pensamento. O Ser é como o destino do pensamento. O destino, porém, é em si mesmo Histórico. Sua História já chegou, no dizer dos pensadores, à linguagem”. (31)

A única tarefa do pensamento é, portanto, fazer com que, de novo e sempre, o advento de ser seja conduzido à linguagem, advento este que permanece e na sua permanência espera pelo homem. (32) Saber acolher esta vinda gratuita e conservar-se na luz que dela dimana, eis o caminho de todo homem cuja obra permanente é habitar **poeticamente** essa terra, que nos envolve na sua solidez e nos devolve à tarefa nunca terminada de arrancá-la à obscuridade em que jaz.

(29) *Ibid.*, pág. 78.

(30) *Ibid.*, pág. 69.

(31) Cf. **Sobre o Humanismo**, pág. 98.

(32) *Id.*, pág. 98.